

Literatura verde: a ideologia nacionalista nos romances de Plínio Salgado

Leandro Pereira Gonçalves*

Resumo

Este trabalho pretende analisar o pensamento político-ideológico do líder integralista Plínio Salgado através de sua obra romanesca, tendo como base o testemunho de uma determinada classe social, seguindo o referencial teórico proposto por Lucien Goldmann e Antonio Gramsci. Nas obras, pode ser encontrada uma fonte historiográfica reveladora para a compreensão da ideologia presente na Ação Integralista Brasileira. Com isso foi possível observar um discurso conservador e autoritário para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Utilizou-se o estruturalismo genético goldmanniano a fim de se verificar a existência de artifícios e formas que possam comprovar se as obras literárias de Plínio Salgado são consideradas romances e, portanto, expressão burguesa inserida em uma sociedade periférica pautada no estudo do teórico Aijaz Ahamad.

Palavras-chave: Integralismo, Plínio Salgado, Literatura.

Abstract

This work intends to analyze the political-ideological thought of the integralist leader Plínio Salgado through his Romantic work, based on the evidence of a determined social class, following the theoretical reference proposed by Lucien Goldmann and Antonio Gramsci. In these works, a revealing historiographical source can be found for the understanding of the ideology present in the Brazilian Integralist Action. So it has been possible to observe a conservative and authoritarian speech for the development of the Brazilian society. The genetic structuralism of Goldmann was used in order to verify the existence of stratagems and forms that may prove whether the literary works of Plínio Salgado are considered novels and, therefore, bourgeois expression inserted in a peripheral society according to the study of the theoretician Aijaz Ahamad.

Keywords: Integralism, Plínio Salgado, Literature.

* Professor assistente do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Mestre em Literatura Brasileira pelo CES/JF; Especialista em História do Brasil pela PUC/MG; Graduado em História pelo CES/JF; e-mail: leandropgoncalves@gmail.com. Participante do Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo (UFSM) e do Grupo Observatório da Indústria Cultural (UFF).

Durante a década de 1920, São Paulo era o local onde se reuniam importantes grupos de intelectuais. Naquele momento, os artistas iniciavam a busca da chamada identidade nacional. O ingrediente ideológico central dos intelectuais brasileiros daquele período era a defesa da nacionalidade. Ideologicamente, eles apresentavam diversas formas de planos e de modelos para o Estado Nacional, que estavam sendo forjados em concomitância com seus paradoxos e contradições com os demais países do Ocidente inseridos no processo de reordenação mundial no período entre-guerras.

Intelectuais engajados em projetos relacionados às suas concepções de sociedade brasileira, sob efeito de identidades de classes distintas, iniciaram a busca de um modelo social ideal para o Brasil. Diversas correntes ideológicas, organizadas em partidos, de facistas a comunistas, estavam presentes na construção desses modelos. Em todos os modelos o discurso utilizado era o mesmo, o nacionalismo. Isso porque a década de 1920 marcou uma nova concepção de civilização brasileira. Essa nova concepção buscada foi um caminho constante na formação de novos projetos e modelos de nação.

Houve momentos de turbulência política, de “séria crise socioeconômica e política, cuja solução somente se daria de fato, com a instalação do Estado Novo em 1937.” (MENDONÇA, 2000:319). Foram épocas de reformulações, na qual os intelectuais assumiam publicamente seus interesses de classe. Segundo Daniel Pécaut, “os intelectuais já não precisam reivindicar uma posição de elite: sua legitimidade decorre justamente de se fazerem intérpretes das massas populares.” (PÉCAUT, 1990:15).

Para Gramsci, a função de existir do intelectual é a de ser um organizador de sua classe, aquele que em seus textos e/ou ações pretende interpor seu conhecimento com estratégia e/ou análise dos contextos nos quais está inserido. Gramsci chama atenção para a relação entre “nacional” e “popular” que em muitas línguas se confundem. O filósofo italiano mostra que a definição de cultura nacional não deve se restringir à literatura narrativa, mas ampliar-se a outras formas de expressão. De todo modo, caberia ao intelectual – concebido, então como representante e produtor de idéias – expressar as perspectivas de seus pares, os interesses de sua classe em relação ao que concebe como nacional e em relação ao que concebe como popular¹. Mikhail Bakhtin, por sua vez, tal como Gramsci, adotando a análise dialética da filosofia da práxis, entende a produção dos textos literários como produção

¹ As idéias de Gramsci, apresentadas em notas, estão organizadas nos Cadernos do Cárcere – série de anotações que o autor italiano produziu ao longo dos anos em que esteve confinado nas prisões da Itália sob domínio do fascismo entre 1926 a 1937. Conferir: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 6 volumes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

3

intelectual na forma da inter-discursividade². Ou seja, não há textos produzidos ou lidos que não absorvam as diversas formas de expressão popular. Bakhtin percebe, como Gramsci também o fez, que a apropriação de elementos de representação de classes populares serve de base para projetos que visam à manutenção da hegemonia política pelas classes economicamente dirigentes. Assim sendo, a produção intelectual segue os “inter-câmbios”, conflituosos e contraditórios, das relações entre as classes sociais no conjunto complexo em que cabem as múltiplas referências e determinações – culturais, políticas e econômicas (estrutura e superestrutura) – que Gramsci chamou de Estado ampliado.

No caso específico do Brasil, era possível encontrar uma gama de intelectuais dispostos a criar novos conceitos de nação através de ideais de organização do Estado. Grande parte desses intelectuais iria utilizar influências claramente espelhadas nos modelos estrangeiros. Esses intelectuais serão chamados de “intelectuais da periferia”, que estariam sempre deslocados e lançando ao mundo sua “mirada estrábica”. (PIGLIA, 2001). Mas nada retiraria desses intelectuais a possibilidade de uma visão mais ampla.

Na perspectiva da necessidade de análise dessas relações delineadas acima, de múltiplas influências e inter-relações sociais, culturais e econômicas, que o contexto internacional e nacional abrange, este trabalho se propõe a analisar algumas das tendências ideológicas, reflexos e referências de um tempo de grandes incertezas. É nesse sentido que parte da intelectualidade brasileira se propõe a discutir o Brasil a partir das manifestações artísticas. Seria com essa proposta que ocorreria nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna, que contou com a presença de um grupo considerado inovador, que encarou, através da ironia e/ou da gravidade situacional, a forma de identificar o Brasil com um período de grandes mudanças mundiais. Segundo Nelson Werneck Sodré, o movimento “deve ser entendido e interpretado como episódio inicial de uma seqüência. Episódio inicial cujo alcance pode ser estimado no simples fato de corresponder, a rigor, o lançamento da literatura brasileira.” (SODRÉ, 1976:526).

Aos poucos os modernistas da Semana de 1922 começaram a se organizar em grupos ideológicos e a expressar suas concepções nos manifestos. O primeiro deles foi o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, lançado por Oswald de Andrade em 1924, em 1928 ocorre a radicalização com o lançamento do Manifesto Antropofágico, do mesmo Oswald de Andrade que o apresenta como sendo uma síntese amadurecida das idéias do período, tendo como base

² O pensamento de Mikhail Bakhtin sobre a produção intelectual deve ser conferido em: BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: HUCITEC/UNB, 1987.; *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

de inspiração o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e de Engels. (TELES, 2002:353-360).

Contra estes manifestos e processos ideológicos divulgou-se, em 1929, o *Manifesto do Verde-amarelismo*. Nele pode ser encontrado um discurso baseado no nacionalismo cultural e político, inserido no contexto de ascensão dos movimentos totalitários europeus. Radicalizando-se as idéias defendidas no manifesto, Plínio Salgado criou o Movimento da Anta, no qual o ultra-nacionalismo era levado ao extremo. Este elemento seria a base para a fundação da Ação Integralista Brasileira, grupo político criado pelo próprio Plínio Salgado em 1932.

A formação do movimento integralista brasileiro deu-se no início da década de 1930, sob a liderança do escritor e jornalista Plínio Salgado. Em outubro de 1932, o escritor divulgou o *Manifesto de Outubro*, propondo a formação de um grande movimento nacional. O movimento registrou-se sob a denominação de Ação Integralista Brasileira (AIB). Sua organização, influenciada pelos movimentos fascistas europeus, priorizava a arregimentação de militantes e seu enquadramento em uma estrutura hierárquica. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo em novembro de 1937. Plínio Salgado colocava-se como Chefe Nacional do movimento e todos os demais membros tinham que jurar obediência às suas ordens, sem discussão.

Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, em 1895. Sempre teve uma grande participação política e tornou-se um jornalista conhecido na cidade de São Paulo, a partir de 1919. Através das agitações modernistas, tornou-se um romancista respeitado após a publicação de uma trilogia romanesca denominada “Crônicas da Vida Brasileira”, composta pelas obras: *O estrangeiro*, de 1926; *O esperado*, de 1931, e *O cavaleiro de Itararé*, de 1933. Plínio Salgado escreveu mais três romances: *A voz do oeste*, em 1934; *Trepandé* – redigido entre 1938 e 1939, mas publicado apenas em 1972 – e *O dono do mundo*, escrito no fim de sua vida, aproximadamente entre o período de 1974 e 1975. Este último romance não foi finalizado em decorrência de sua morte, sendo publicado apenas no ano de 1999.

Em viagem à Europa, Plínio Salgado conheceu novos regimes políticos, principalmente o fascismo italiano de Benito Mussolini. Esse regime o fazia pensar em uma saída para o Brasil, a seu ver uma saída possível seria um nacionalismo agressivo que impusesse a hegemonia brasileira sobre a América do Sul. Em uma carta de 1936, Plínio Salgado escreveu sobre seu encontro com Mussolini:

Contando eu a Mussolini o que tenho feito, ele achou admirável o meu processo, dada a situação diferente de nosso país. Também como eu, ele pensa que, antes da organização de um partido, é necessário um movimento de idéias [...] Refleti sobre a necessidade que temos de dar ao povo brasileiro um ideal que o conduza a uma finalidade histórica. Essa finalidade, capaz de levantar o povo, é o Nacionalismo impondo ordem e disciplina no interior, impondo a nossa hegemonia na América do Sul. (SALGADO, *apud*, TRINDADE, 1979:75).

Na sua literatura, é possível verificar uma grande riqueza ideológica – inclusive no que diz respeito à formação social burguesa – e, com ela, é possível realizar uma profunda abordagem literária, histórica e sociológica, analisando a presença dele no mundo burguês.

A defesa de uma identidade para o Brasil pautada nos valores nacionalistas de Plínio Salgado, ocorreria de maneira real no ano de 1926 quando lança a primeira grande obra: *O estrangeiro*, repercussões literárias e políticas serão observadas como em poucos momentos da História da Literatura Brasileira. O autor adota um tom messiânico afirmando ser uma das pessoas com o objetivo de salvar e defender o povo brasileiro:

Em abril de 1926, publicou-se o romance; nunca mais abandonei esta batalha. O drama de meu povo apoderou-se de mim. As dores, os misteriosos tumultos de uma sociedade em formação, as lutas políticas, os caldeamentos étnicos, cosmopolitismo e nacionalismo, civilização artificial e instintos bárbaros da floresta, angústias do pensamento e vagas ansiedades coletivas, tudo isso constituiu, dia a dia, uma orquestra perene que me empolgava no turbilhão de músicas estranhas. Esgotando-se a primeira edição do *O estrangeiro* em vinte dias, meus amigos comemoraram esse fato, oferecendo-me em bronze o personagem do romance que encarnava o espírito imortal da Terra Jovem. (SALGADO, 1935:5-6).

A determinação do valor de Plínio Salgado na literatura brasileira requer o estabelecimento de algumas linhas determinantes da evolução literária, enquadrando o processo histórico presente. Ele defende uma sociedade baseada no nacionalismo político – como, o único caminho para o povo brasileiro:

Nacionalismo não é um simples culto de bandeira, nem pode ser apenas o Hino Nacional. Não é a marcha batida das manifestações militares. Não é a devoção feiticista das formas exteriores da Pátria Política. Nacionalismo é visão total do país e é, ao mesmo tempo, a consciência particular de cada caráter e de cada tendência [...] O nacionalismo não pode ser apenas um culto ideal e político [...] Não temos tido no Brasil uma compreensão exata do nacionalismo. Nós nos temos limitado a adoração lírica da Bandeira e aos vivas seguidos do Hino Nacional. Pois todas as nossas atitudes tem sido anti-nacionalistas. (SALGADO, 1935:139).

No marco inicial do movimento integralista, o *Manifesto de outubro de 1932*, Plínio Salgado expõe com clareza seus propósitos para o Brasil. O romancista e político deixa muito

6

claro o desejo ideológico: a defesa de uma política nacionalista baseada no conservadorismo, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, a aversão ao cosmopolitismo para a defesa de uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista.

No estudo *Ideologia curupira*: análise do discurso integralista, do cientista social Gilberto Vasconcellos, estabelece o objetivo de buscar a especificidade do Integralismo enquanto discurso fascista e inserido numa sociedade periférica. Para ele, o Integralismo não se constitui como uma cópia do fascismo no Brasil, porque aqui não houve forte tradição liberal, nem proletariado urbano-industrial organizado, nem ponderável movimento comunista, nem fatores que contribuíram para a eclosão de ideologias e movimentos fascistas na Europa.

A defesa de Plínio Salgado parte do fascismo, mas dado ao atraso econômico existente, o discurso adota uma especificidade em relação ao movimento europeu. Devido à existência de um capitalismo brasileiro periférico, a doutrina fascista esteve presente em decorrência do grau de dependência que o Brasil possuía no contexto da década de 1930. Segundo Gilberto Vasconcellos, o país periférico que era constituído em relação às nações capitalistas hegemônicas permitiu que o Integralismo, mesmo que inconscientemente, se apropriasse do discurso fascista europeu, não conseguindo realizar a formação de uma cultura nacionalista independente, devido à presença da sociedade periférica. (VASCONCELLOS, 1979:17-18).

Independentemente de qual corrente ideológica os modernistas seguiram, todos tinham o mesmo objetivo que seria compreender a nacionalidade brasileira e reconhecer a identidade nacional. Mário de Andrade ressalta a positividade do modernismo: “Manifesto especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos. O movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional.” (ANDRADE, 1942:73).

A literatura, na análise de Adriana Facina, pode ser utilizada como fonte de estudo da sociedade, pois cada obra é fruto do seu tempo, sendo o escritor também produto de sua época e de sua sociedade, pois “toda criação literária é um produto histórico produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos.” (FACINA, 2004:10).

Sendo assim, a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance – inseri-la no movimento da sociedade, investigar não a sua autonomia em

relação à sociedade, mas sim, a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social. Percebendo assim o olhar do escritor, que é parte integrante de um grupo social – os intelectuais – sobre o mundo que o cerca.

Analisar um momento da Literatura Brasileira significa enxergar visões de mundo, tendo que investigar as condições de sua produção e o contexto histórico e social de seus autores. Segundo Adriana Facina, o autor da literatura é um escritor, ou seja, um intelectual, cujo trabalho é expresso através da preocupação com a estética e com a linguagem, crê que a sua obra é uma arma de modificação social.

Cada obra literária é fruto de seu tempo, sendo o intelectual um produto de sua época e sociedade. O sociólogo Lucien Goldmann considera que uma estrutura tão complexa como o romance não pode ter nascido de uma invenção individual e sim de concepções ideológicas vividas pelo grupo social de origem do escritor. Segundo o estruturalismo genético, os verdadeiros sujeitos da criação cultural são os grupos sociais, cabendo ao sociólogo da literatura estabelecer a homologia entre a ideologia do grupo a que pertence o autor e o pensamento formulado por sua obra. A literatura, segundo Lucien Goldmann, passa a ser um produto e uma expressão da cultura e da civilização de um povo.³

Assim, as análises sociais presentes na estrutura de qualquer romance são um método válido, uma vez que não pretendem ser mais do que um método, visto que não possuem como objetivo esgotar qualquer tipo de análise literária. A literatura expressa visões de mundo que são influenciadas pela experiência histórica dos grupos sociais que a constituem. A arte não é colocada como algo secundário, ela faz parte de um processo histórico, que compõe a formação dessa visão buscando fundamentos com as relações sociais e muito menos autônoma, não aparecendo por si mesma. A literatura assume o papel de reconstruir a totalidade que é destruída pelo capitalismo que provoca a fragmentação da sociedade, não permitindo o todo social e econômico.

Ao verificar os romances de Plínio Salgado, este ensaio visa à transformação dos mesmos em testemunhos de uma determinada classe social, ou de determinadas classes e frações de classes, mirando uma formação social específica (a brasileira, da primeira metade do século XX). Nesta análise poderão ser recuperadas dimensões ideológicas (conotativas), expressas pelo autor por meio de sua ficção.

³ O pensamento de Lucien Goldmann sobre a relação intelectual com a composição romanesca deve ser conferido em: GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

A criação literária de Plínio Salgado e outros escritores, dessa forma, constitui um campo privilegiado de aplicação do estruturalismo genético. Lucien Goldmann parte do princípio de construção das estruturas cognitivas para aplicá-lo às relações entre o autor e o grupo social. O autor passa a interagir com esse grupo procurando responder as suas expectativas. A criação artística surge como uma resposta significativa e articulada, como expressão das possibilidades objetivas presentes no grupo social.

Observa-se nas obras literárias de Plínio Salgado, uma crítica a todo o sistema brasileiro, sendo a sociedade colocada como infeliz; daí a necessidade de mudança para a defesa do forte nacionalismo. Enquanto o comunismo e o liberalismo são tratados como males que têm de ser extirpados da sociedade, o Integralismo é colocado como o único capaz de salvar a humanidade desses inimigos da ordem. Nos romances, essa análise da sociedade brasileira é clara, pois seus pensamentos de salvação para o Brasil são expressos por meio da crítica à sociedade que, em muitos momentos, é considerada apática, por não lutar contra o mal.

A busca do autor por seu valor autêntico ocorre por meio do pensamento intelectual, já que se buscava o nacionalismo na teoria; entretanto, o intelectual não encontra resposta, porque não consegue transcender verticalmente o mundo burguês em que vive. O ato de agir é um reflexo de sua instância econômica; portanto, em sua tomada de posição diante da realidade social, Plínio Salgado terá em sua concepção política a defesa da sociedade que o cerca, a burguesa, ao buscar por sua própria conta os meios estético-ideológicos adequados à reprodução da realidade pensada por ele.

Este pequeno ensaio teve como objetivo analisar de maneira sucinta apenas uma parte da produção literária de Plínio Salgado para servir de amostragem da possível relação das obras do autor com o estruturalismo genético goldmanniano. Nos estudos realizados sobre as obras ficcionais de Plínio Salgado, percebe-se uma crescente politização de sua literatura, o que nos permite constatar que ele mostra-se sensível aos problemas políticos e, ainda, aberto às influências ideológicas. Assim, nota-se que o autor pretendeu transformar seus romances em fontes ideológicas, pois neles percebe-se claramente suas idéias integralistas.

Nos romances, o intelectual Plínio Salgado não conseguirá desvincular-se do mundo em que vive para buscar o valor autêntico. Por isso a vitória não ocorre, pois o caminho é percorrido de maneira equivocada devido à impossibilidade de desvinculação do Estado existente. O nacionalismo almejado passa a ser um valor burguês da sociedade, uma vez que seu objetivo é atender o grupo que o ronda: a pequena burguesia.

Visto à luz da teoria goldmanniana, esse herói problemático busca a ruptura da sociedade, o que ocorre de uma maneira equivocada, já que os valores autênticos são vistos por essa mesma sociedade de maneira alienada. O romance deveria mostrar caminhos para os problemas, mas devido ao fato de ser uma criação burguesa, não acontecerá a desvinculação do herói problemático com o autor. Na maior parte das vezes, ele se retratará no herói problemático. O autor não encontra saída para os questionamentos criados pelo personagem, já que é a sua vida que está sendo retratada dentro de uma vida burguesa, de um Estado burguês. Assim, o fim do herói problemático acaba sendo sua destruição: a morte.

O romance é composto por uma biografia e uma crônica social que apresentam a vida e as experiências de Plínio Salgado; por isso o herói é o problemático, pois não possui valores autênticos num mundo de convenções existentes – as convenções burguesas. O herói está inserido numa sociedade individualista – pois é nela que o escritor vive – e, portanto, sua busca ocorre dentro de um contexto burguês. O romance é um gênero que estabelece uma ruptura entre o herói e o mundo, mas essa ruptura ocorre de maneira equivocada, pois o autor não consegue realizar a transcendência vertical, que consiste em não se colocar no romance. De acordo com a teoria goldmanniana, o autor não consegue realizar a transcendência vertical porque suas aspirações e desejos são sempre colocados na obra. Com isso, os valores usuais da sociedade burguesa passam a ser expressos. O romance é o único gênero literário em que a ética do romancista converte-se em problema estético da obra. A criação burguesa do escritor – o romance – precisa da presença do herói problemático a fim de buscar seus valores autênticos.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 73.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: HUCITEC/UNB, 1987
- FACINA, Adriana. *Literatura & Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.10.
- GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 6 volumes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e sociedade: a consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 319.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990, p.15.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. Margens/márgenes. *Caderno de cultura*. nº2, out. 2001. Belo Horizonte; Mar del Plata; Buenos Aires, 2001.

SALGADO, Plínio. *A voz do oeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

_____. *Despertemos a nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p.5-6.

_____. *Manifesto de outubro de 1932*. São Paulo: Voz do oeste, 1982.

_____. *O cavaleiro de Itararé*. São Paulo: Panorama, 1948.

_____. *O dono do mundo*. São Paulo: GRD, 1999.

_____. *O esperado*. São Paulo: Voz do oeste, 1981.

_____. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Trepandé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976, p.525-526.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.